

*A PRINCESA QUE ESCOLHIA* DE ANA MARIA MACHADO: uma perspectiva contemporânea para os contos de fada tradicionais

*THE PRINCESS WHO CHOSE* OF ANA MARIA MACHADO: a contemporary perspective for traditional fairy tales

Lucinei Maria Bergami\*

**RESUMO:** Neste trabalho pretende-se elencar aspectos da literatura infantil contemporânea que trazem à baila a estratégia usada pela escritora Ana Maria Machado para fazer alusão a questões de gênero, evidenciando especialmente a imagem do sujeito feminino e sua evolução no tempo. Por meio do diálogo intertextual ela resgata os clássicos contos de fada atribuindo-lhes uma nova roupagem. Desconstruindo regras impostas à mulher pela sociedade androcêntrica, dá voz à personagem feminina que se impõe enquanto sujeito e faz suas próprias escolhas. *A princesa que escolhia* favorece, portanto, diversos questionamentos sobre o que se convencionou como verdades absolutas em torno das questões de gênero (masculino/feminino). Nesse sentido, ao lançar o olhar sobre o universo ficcional da escritora, pretende-se fomentar discussões acerca de construtos sociais tidos como verdades absolutas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura Infantil. Feminino. Intertextualidade. Contemporaneidade.

Todas as histórias do mundo não ficam guardadas numa cabeça só, por maior que seja. Ficam é em todas as cabeças do mundo. E precisam trocar os fios pra lá e pra cá, trançar o que cada um vai tecendo. Se não, ninguém faz teia nenhuma. E num fio solto ninguém pode morar. Pra se ficar vivendo, precisa de uma teia.<sup>1</sup>

A partir do que sugere a epígrafe escolhida para abrir as veredas desta escrita, não pretendemos guardar na cabeça mais uma das histórias do mundo, mas trançar o que cada um vai tecendo e, com isso, neste texto, vivenciá-las ao lançar um olhar sobre a escritura de Ana Maria Machado. O intuito é o de tecer uma teia que possibilite explicitar as percepções extraídas de *A princesa que escolhia* (2006). Esta, entre tantas outras histórias da autora de *Bisa Bia, Bisa Bel* (1982), contribui para a feitura de uma nova tessitura literária que se utiliza dos fios das clássicas histórias infantis e a eles agrega, num trançar ímpar, fios de referenciais contemporâneos. Assim, a escritora carioca, ao trocar fios para lá e para cá em *A princesa que escolhia*, rompe com determinados estereótipos socialmente construídos e dá voz à princesa. A protagonista, representante de uma classe por muito tempo silenciada pela

---

\* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES. Email: lucineibergami@hotmail.com

<sup>1</sup> MACHADO, Ana Maria. *De olho nas penas*. Ilustração de Gerson Conforto. 5. ed. Rio de Janeiro: Salamandra, 1984. p. 51.

sociedade patriarcalista, se posiciona enquanto sujeito e exige o direito de escolha. No entanto, para que se compreenda melhor essa voz que se faz ouvir, tomaremos como fundamentos teóricos, dentre outros, os estudos de Michel Foucault acerca da interdição discursiva, o conceito de Antonio Candido sobre literatura e sociedade e a noção de intertextualidade cunhada por Julia Kristeva como um dos aspectos do dialogismo no interior do discurso, desenvolvida a partir das ideias de Mikhail Bakhtin para quem nenhum texto ou discurso se constrói sozinho, mas sim a partir de outro.

A escrita de Ana Maria Machado ratifica a literatura conceituada por Candido<sup>2</sup> como “[...] um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores [...]”. De acordo com o teórico, a literatura “[...] só vive na medida em que os leitores a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a”. Confirmando a assertiva de Candido, Kristeva<sup>3</sup> afirma que “[...] todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto”. Nesta perspectiva, o universo ficcional da presidente da Academia Brasileira de Letras favorece um trânsito intertextual, à medida que ao “trocar os fios pra lá e pra cá”, dialoga com outras narrativas.

Conforme o próprio título da obra deixa entrever, *A princesa que escolhia* rompe com valores ideológicos vinculados na cultura patriarcal, que reservou ao sujeito feminino um papel secundário na sociedade, constituída sob a concepção da soberania do homem e da submissão da mulher, condenada ao silêncio, “Como se a feminilidade se medisse pela arte de ‘se fazer pequena’”<sup>4</sup>. Confirmando esta assertiva, em seu artigo intitulado *O poder da palavra escolher: Autonomia do Feminino na obra A Princesa que Escolhia* (2013), Carrijo afirma:

Ao longo da história, a imposição de silêncio à voz feminina se efetivou tanto na modalidade oral, vez que à mulher seriam permitidos somente sussurros, lamentos, cantilenas, orações, quanto na modalidade escrita da linguagem, visto que durante muito tempo, no âmbito literário jornalístico e científico, o sujeito enunciador foi o sujeito masculino.<sup>5</sup>

<sup>2</sup> CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. 3. ed. Revista. São Paulo: Editora Nacional, 1973. p. 74.

<sup>3</sup> KRISTEVA, Júlia. *Introdução à semiótica*. Trad. Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1974. p. 64.

<sup>4</sup> BORDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Kühner. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. s/p. Disponível em: <www.sertão.ufg.br/.../original\_Bourdieu\_Pierre\_...>. Acesso em: 16 jun 2013.

<sup>5</sup> CARRIJO, Silvana Augusta Barbosa. *O poder da palavra escolher: Autonomia do Feminino na obra A Princesa que Escolhia*. Anais do XIV Seminário Mulher e Literatura / V Seminário Internacional Mulher e Literatura, 2013.

Rompendo com esses paradigmas, Ana Maria Machado nos brinda com a história de uma princesa, muito boazinha, que sempre dizia sim a todos, até que, num belo dia, afirmou categoricamente: “\_ Desculpe, mas acho que não”<sup>6</sup>. Cansada de dizer sempre sim, ela desfaz a imagem de menina boazinha, transgredindo, dessa forma, com o modelo de comportamento que lhe fora imposto. Sua atitude levou a mãe - “[...] que também era boazinha demais”<sup>7</sup> - ao desespero. Seu pai, “[...] que era todo metido a manda-chuva, ficou furioso”<sup>8</sup>. Muito contrariado, decidiu colocá-la de castigo. “Ele era o tipo que achava que príncipe serve para andar a cavalo, enfrentar gigantes e matar dragões, mas que princesa só serve para ficar aprendendo a ser linda e boazinha, enquanto o príncipe não vem”<sup>9</sup>.

A princesa foi, então, trancada numa torre isolada do castelo. Mas, ao contrário dos clássicos contos de fada, em que a princesa, provavelmente, se curvaria e cederia às ordens do pai, ou ficaria esperando seu príncipe chegar para salvá-la, ela salva a si própria. A torre dava para um jardim, onde a princesa podia brincar com os filhos do jardineiro. Além disso, ela podia ver pela janela que o mundo ia “[...] muito além das muralhas do castelo onde sempre vivera fechada”<sup>10</sup>. A torre, escolhida pelo pai como local de isolamento, para que, recolhida ao silêncio, a princesa repensasse sua atitude e voltasse a ser como antes, converte-se num cenário de transformações. Ao contrário do que, *a priori*, deixa inferir a narrativa, o castelo se apresenta como prisão e a torre, libertação, à medida que se reveste de características contemporâneas: uma biblioteca com vários livros e um computador com acesso à internet.

A atitude do rei evidencia certo tipo de exclusão social. De acordo com Foucault<sup>11</sup>, a interdição do discurso é um dos procedimentos de exclusão<sup>12</sup>, vinculados em nossa sociedade. Ele afirma que,

[...] em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm

<sup>6</sup> MACHADO, Ana Maria. *A princesa que escolhia*. Ilustrações de Graça Lima. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. p. 5.

<sup>7</sup> MACHADO, 2006, p. 5.

<sup>8</sup> MACHADO, 2006, p. 5.

<sup>9</sup> MACHADO, 2006, p. 5.

<sup>10</sup> MACHADO, 2006, p. 6.

<sup>11</sup> FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. Aula Inaugural no Collège de France, Pronunciada em 2 de Dezembro de 1970. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 4. ed. São Paulo, Brasil: Edições Loyola, 1998. p. 9.

<sup>12</sup> De acordo com Foucault (1998, p. 19), existem em nossa sociedade três grandes sistemas de exclusão que atingem o discurso: a palavra proibida, a segregação da loucura e a vontade de verdade.

por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.<sup>13</sup>

Permitir que a filha se apropriasse da palavra e por meio dela manifestasse suas próprias escolhas representava transgredir normas pré-estabelecidas. Trancá-la na torre alude, portanto, a uma das formas de controle discursivo exercido na sociedade e denunciado pela narrativa: o silêncio. “A interdição à fala feminina encontra raízes assentadas no Novo Testamento, quando Paulo, dirigindo-se a Timóteo, afirmava de maneira incisiva que a mulher deveria ouvir a instrução em silêncio e submissão”<sup>14</sup>.

Essa submissão encontra sua representação não apenas na atitude autoritária do rei, mas também na carga de significação que traz consigo a expressão “boazinha”. O que a princípio revela-se como um afago, como uma demonstração de carinho para com a princesa, sugere a ideia de pequenez do sujeito feminino numa sociedade androcêntrica<sup>15</sup> “\_ Como é, minha filha? Vai tomar jeito? Resolveu ser *boazinha* (grifo nosso) e dizer sempre sim”<sup>16</sup>, pergunta a mãe da princesa. O controle discursivo de que nos fala Foucault está representado, portanto, na atitude do rei, cuja postura remonta ao patriarcalismo e à prática cultural de calar a voz feminina e na atitude da mãe, ao repetir padrões de comportamentos que lhe foram inculcados culturalmente como verdades absolutas.

Rompendo, no entanto, com esses paradigmas, a escritora insere em sua narrativa elementos contemporâneos que dão voz a sua personagem. Ao trazer para sua história ferramentas que contribuem para o nosso desenvolvimento cognitivo, cultural e social, Ana Maria Machado fortalece “[...] a crença de que uma nação se faz com homens e livros”<sup>17</sup>. Segundo Zinani, Lobato “[...] evidenciou a importância da Literatura, como força transformadora das pessoas e da situação social, e da inteligência, como valor fundamental”. Tal assertiva aplica-se também à obra de Ana Maria Machado, à medida que ela rompe com os padrões clássicos dos contos de fada e disponibiliza à sua personagem instrumentos

<sup>13</sup> FOUCAULT, 1998, p. 8-9.

<sup>14</sup> SILVA, Silvana Augusta Barbosa Carrijo. *Rompendo as fissuras do interdito*. OPSIS – Revista do NIESC, Vol. 6, 2006.

<sup>15</sup> “ANDROCENTRISMO” é a forma como as experiências masculinas são consideradas universais, ou seja, de todos os seres humanos, tanto homens quanto mulheres. Com isso, a sabedoria e a experiência da mulher passam a ser desconsiderada. Em suma "A tendência quase universal de se reduzir a raça humana ao termo 'o homem' é um exemplo excludente que ilustra um comportamento androcêntrico. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Androcentrismo>>. Acesso em: 16 jul 2013.

<sup>16</sup> MACHADO, 2006, p. 12.

<sup>17</sup> ZINANI, Cecil Jeanine Albert. Literatura infantil e gênero: História meio ao contrário. In: SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos; ZINANI, Cecil Jeanine Albert. (Org.). *Multiplicidades dos Signos: diálogos com a literatura infantil e juvenil*. 2. ed. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2010. p. 37.

necessários à construção de sua autonomia, à transformação de si e de seu mundo. A atitude democrática da personagem de Ana Maria Machado evidencia a função humanizadora da literatura edificada pelo teórico Antonio Candido:

Entendo aqui por *humanização* [...] (grifo do autor) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.<sup>18</sup>

A narrativa desconstrói, portanto, a ideia de castigo como condicionante a uma possível alienação da realidade, lhe atribuindo uma nova roupagem: oportunidade de aprender. Além de brincar com os amigos, assistir televisão – mais um elemento contemporâneo inserido, pela escritora, na obra – e olhar pela janela para contemplar as maravilhas de um mundo nunca visto ou sequer imaginado, a princesa ia muito à biblioteca, onde fazia pesquisas na internet e “[...] lia, lia, sem parar”<sup>19</sup>.

Tinha histórias de encantos e perigos, de reis e princesas, de magos e inimigos, de bichos e riquezas. De monstro e horrores, de lobo na floresta, de baile e amores, de povo dançando em festa. De cavaleiros e dragões. De fadas e feiticeiras, de gigantes e anões, de múmias e caveiras. De naufrágios e tesouros, de caravanas e desertos, de palhaços e besouros, de fada madrinha por perto.<sup>20</sup>

Era nesse cenário que a princesa ia tecendo sua história e de fio em fio construía sua identidade. Lendo, emprestando os livros aos amigos, conversando sobre o que lia com os empregados do castelo, ela compartilhava saberes e fortalecia seu desejo de escolher sempre. Quando a rainha ia visitá-la e perguntava se ela já tinha resolvido “[...] ser boazinha e dizer sempre sim”<sup>21</sup>, respondia: “ \_ Não dá, mesmo. Eu quero é poder escolher sempre. [...] \_ Só quando a gente pode dizer não é que tem graça dizer sim”<sup>22</sup>. A postura da princesa infere ao que Erikson entende por construção de identidade, conforme esclarece Tânia Maria Cemin Wagner, em artigo intitulado *Adolescência: aspectos psicodinâmicos*, ao referendar o referido autor. Segundo a estudiosa, então,

<sup>18</sup> CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. 1988. In: \_\_\_\_\_. *Vários escritos*. Edição revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995. UNIP- Letras. Teoria da Lírica. Disponível em: <[www.slideshare.net/letrasunip/direito-a-literatura-candido](http://www.slideshare.net/letrasunip/direito-a-literatura-candido)> Acesso em: 13 jul. 2013, p. 180.

<sup>19</sup> MACHADO, 2006, p. 10.

<sup>20</sup> MACHADO, 2006, p. 10.

<sup>21</sup> MACHADO, 2006, p. 12.

<sup>22</sup> MACHADO, 2006, p. 12.

Construir uma identidade [...] implica definir quem a pessoa é, quais são seus valores e quais as direções que deseja seguir pela vida. [...] identidade é uma concepção de si mesmo, composta de valores, crenças e metas com os quais o indivíduo está solidamente comprometido.<sup>23</sup>

Acerca da questão identitária, Hall<sup>24</sup> assevera que “A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia”. O teórico argumenta que “[...] à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis [...]”. Ao optar por escolher sempre, a princesa de Machado contempla a assertiva de Hall à medida que assume corajosamente este desafio, pois fazer escolhas implica aventurar-se no mundo e ser constantemente interpelado por múltiplas identidades. O conhecimento adquirido nas diversas leituras e pesquisas que fez, enquanto esteve na torre, fortaleceu seu desejo de autonomia. Costurando os fios de lá para cá, de cá para lá, ela foi trançando sua história, tecendo seu destino, construindo sua identidade e revelando a concepção que tem de si e do mundo. No desfecho da narrativa, a personagem confirma esta assertiva: “[...] acho que escolhi um princípio. Só um jeito de começar”<sup>25</sup>.

Este jeito de começar encontra sua representação nas atitudes da princesa. A preferência pelo castigo se justificava pelo fato da torre representar para ela o espaço de encontro com o saber, contribuindo para a inversão do sentido, que tradicionalmente, se atribui a esse lugar. Presa na torre ela sentia-se livre, ao contrário do que imaginavam seus pais. A liberdade, no contexto familiar da princesa, significava, na verdade, submissão, uma vez que para sair do castigo ela deveria ceder às convenções impostas pela sociedade. A instituição familiar, narrada na obra em análise, se constitui, portanto, como “[...] lugar de adestramento para adequação social”<sup>26</sup>. No entanto, rompendo com os padrões sociais que controlavam suas escolhas, ela rejeita a interdição do discurso que lhe é imposta e transforma a punição em oportunidades de crescimento. Sua postura democrática se manifestava na maneira como se comportava diante das possibilidades de aprendizagem. O saber adquirido

<sup>23</sup> WAGNER, Tânia Maria Cemin. Adolescência: aspectos psicodinâmicos. In: SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos; ZINANI, Cecil Jeanine Albert. (Org.). *Multiplicidades dos Signos: diálogos com a literatura infantil e juvenil*. 2. ed. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2010, p. 163.

<sup>24</sup> HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade* / Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 13.

<sup>25</sup> MACHADO, 2006, p. 34.

<sup>26</sup> XAVIER, Elódia. *A representação da família no banco dos réus*. Revista Interdisciplinar, V. 1, n 1 - Edição Especial. 2006.

era compartilhado com as pessoas do seu convívio. “Ela lia, lia, emprestava livro para os amigos. Adorava conversar sobre o que tinham lido. E cada um ficava mais sabido”<sup>27</sup>.

No trecho da história em que ela ficou sabendo, pela televisão, sobre uma epidemia que assolava o reino, mandou dizer ao seu pai que sabia um jeito de acabar com a doença. Ao receber o recado da filha o rei foi logo visitá-la, pois estava com muitas saudades e “[...] não tirava logo a princesa da torre porque não queria dar o braço a torcer”<sup>28</sup>. Em função da sua descoberta, a causa da doença - a dengue - o pai muito satisfeito, tirou-a do castigo e, por sugestão da rainha, ofereceu-lhe uma recompensa, que ela, é claro, quis escolher. E escolheu! Ao contrário do que se esperava de uma princesa, ao invés de uma coroa nova ela “[...] queria como recompensa era poder escolher. Escolher tudo. Poder dizer sim ou não, sempre. Poder apontar o que preferia, poder decidir”<sup>29</sup>. Aproveitando-se do direito que lhe fora concedido, pois “palavra de rei não volta atrás”<sup>30</sup> ela rompeu com o protótipo de menina boazinha que lhe fora imposto, abalando construtos sociais acerca das questões de gênero, que conferiam e, em certas instâncias, ainda definem papéis sociais distintos para homens e mulheres.

Essa emancipação do sujeito feminino se expressa, portanto, na figura da personagem que, pelo poder da palavra, advindo do conhecimento adquirido, se liberta, transforma a si e contribui para a mudança de seu mundo. Nesse processo de construção de sua identidade enquanto sujeito autônomo, a princesa foi gradativamente transformando, mudando as trilhas que lhe foram traçadas. Ora dizendo sim, ora dizendo não, afinal, não precisava “[...] ser igual a todo mundo”<sup>31</sup>, a menina ia crescendo. Chegado o momento em que o rei e a rainha achavam que era hora de ela se casar, para mostrar como era moderno, o rei mandou convidar os príncipes mais lindos, organizou um grande baile para que ela encolhesse, dentre aqueles vindos de diversos países e distantes reinos, seu marido. E ela escolheu! Não um marido, mas o direito de fazer escolhas.

Assim, tecendo todas as histórias do mundo que ficaram em sua cabeça, ela foi trocando os fios pra lá e pra cá e costurando sua teia. “Muito educada, a princesa conversou com todos, ouviu o que eles diziam, respondeu com atenção. Foi encantadora”<sup>32</sup>. E não

---

<sup>27</sup> MACHADO, 2006, p. 10.

<sup>28</sup> MACHADO, 2006, p. 12.

<sup>29</sup> MACHADO, 2006, p. 16.

<sup>30</sup> MACHADO, 2006, p. 16.

<sup>31</sup> MACHADO, 2006, p. 18.

<sup>32</sup> MACHADO, 2006, p. 12.

demorou em chegar pretendentes de todos os reinos, mas ela não se decidia. E escolhia, não para si, mas para os próprios pretendentes. Se não fossem de seu agrado, logo encontrava uma solução. O discurso do aspirante a noivo definia o caminho que lhe seria indicado. Ao primeiro, que era esportista e gostava de subir em parede, “[...] uma torre enorme, com tranças penduradas, ótimas de escalar”<sup>33</sup>. Para o segundo, que falava muito sobre criação de gado, fabricação de couro e exportação de calçados, pensou: “[...] ele devia ser bom para experimentar sapatinhos [...]”<sup>34</sup>. Quanto ao terceiro, adorava contar piadas e dar “[...] palmadinhas nas costas dos ministros”<sup>35</sup>. Seria ótimo para “[...] desengasgar quem estivesse com maçãs entaladas [...]”<sup>36</sup>. E assim ia procedendo com todos. O que falava alto e era muito barulhento, ela pensou ser “[...] o marido ideal para outra princesa, coitada, que esperava havia anos, esquecida de todos, dentro de um bosque cheio de espinhos”<sup>37</sup>. Até um príncipe mais velho, porém muito distinto, tentou convencê-la a se casar, mas quando “[...] ela olhou bem para a cara dele, com aquela barba azulada, pensou, lembrou de umas coisas que tinha lido... e chamou a polícia”<sup>38</sup>, afinal, tratava-se de um homem perigoso. Não poderia aceitá-lo como esposo e, deixá-lo solto, nem pensar!

Eis que surge, portanto, na tessitura ficcional de Ana Maria Machado, a intertextualidade conceituada por Kristeva como um mosaico de citações. Desnuda-se a assertiva da teórica que diz ser um texto absorção e transformação de outro texto. A narrativa apresenta-se como um palco onde várias histórias se entrelaçam: Rapunzel, presa na torre; Cinderela, coitada, preocupada com seu sapatinho perdido; A Bela Adormecida, que nunca acordava; Branca de Neve, prestes a morrer envenenada e o Barba Azul, prestes a fazer uma nova vítima. Assim, a exemplo de sua criadora, que tece no espaço narrativo a imagem de outras obras, rompendo com os valores ideológicos conservadores por elas expressos, a personagem vai tecendo seu destino e subvertendo o papel das personagens reais dos contos de fada, escolhendo não se casar. Semelhante ao personagem da obra *O príncipe que bocejava* (2004), a princesa decide estudar, viajar, conhecer distintas culturas, conviver com diversas pessoas e apreciar diferentes lugares. Enfim, queria conhecer o mundo. E assim o fez.

---

<sup>33</sup> MACHADO, 2006. p. 24.

<sup>34</sup> MACHADO, 2006, p. 26.

<sup>35</sup> MACHADO, 2006, p. 26.

<sup>36</sup> MACHADO, 2006, p. 26.

<sup>37</sup> MACHADO, 2006, p. 27.

<sup>38</sup> MACHADO, 2006, p. 28.

Estudou, viajou, aprendeu um monte de coisas. Foi para a universidade e virou arquiteta. Depois, resolveu estudar ainda mais, umas coisas de nome comprido: urbanismo e habitação popular. Quer dizer, como fazer uma cidade funcionar melhor e como fazer casas baratas para as pessoas.<sup>39</sup>

Foi neste espaço narrativo, alusivo ao mundo contemporâneo, que a princesa encontrou seu príncipe real: o amigo de infância, filho do jardineiro, com quem brincava no tempo do castigo na torre e, então, ela o escolheu, mas para namorar. Com a morte do rei, a princesa assumiu o trono e, adivinhem? Como adorava escolher, queria que todo o povo tivesse o direito de escolha "[...] e o reino ficou sendo assim"<sup>40</sup>, a exemplo de outros, com reis, rainhas e primeiros-ministros. Quanto à princesa, não se tem registro se ainda vive e manda no reino ou se casou com o filho do jardineiro e foi feliz para sempre. O que se sabe é que ela escolheu para si "um principio. Só um jeito de começar"<sup>41</sup>, cabendo, portanto, à narrativa uma multiplicidade de desfechos, à medida que cada leitor pode ou não dar vida à história “decifrando-a, aceitando-a ou deformando-a”, conforme afirma Candido<sup>42</sup> acerca da literatura.

Em *A princesa que escolhia*, Ana Maria Machado desconstrói o modelo tradicional dos contos de fada, não apenas na postura da personagem que rompe com padrões de comportamento pré-estabelecidos, mas também ao conferir à narrativa um desfecho aberto. Quando não conclui a história com o tradicional “e foram felizes para sempre”, entende-se que num mundo em constantes transformações, que afetam as relações afetivas e familiares os “Relacionamentos são investimentos como quaisquer outros”<sup>43</sup>. Os indivíduos não têm nenhuma garantia de encontrar a felicidade eterna com o casamento.

Os relacionamentos no mundo contemporâneo tendem a ser cada vez mais breves, “[...] A preocupação com o ‘agora’ não deixa espaço para o eterno nem tempo para refletir sobre ele”, assevera o sociólogo polonês Zygmunt Bauman<sup>44</sup>. “Num ambiente fluido, em constante mudança, a idéia [sic] de eternidade, duração perpétua ou valor permanente, imune ao fluxo do tempo, não tem fundamento na experiência humana”<sup>45</sup>. Assim, tanto a obra em

<sup>39</sup> MACHADO, 2006. p. 30.

<sup>40</sup> MACHADO, 2006, p. 32.

<sup>41</sup> MACHADO, 2006, p. 34.

<sup>42</sup> CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. 3. ed. Revista. São Paulo, Editora Nacional, 1973. p. 74.

<sup>43</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Tradução, Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. p. 15.

<sup>44</sup> BAUMAN, *Identidade*. Tradução, Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. p. 79.

<sup>45</sup> BAUMAN, 2005, p. 79-80.

análise quanto *O príncipe que bocejava* não contemplam uma situação que se justifica na contemporaneidade: ser feliz para sempre. Ao convidar os (as) leitores (as) a conferirem um desfecho para sua obra, a partir de suas concepções de vida, evidenciam-se valores ideológicos progressistas à obra. Nas palavras de Carrijo (acesso em 23 maio 2013):

[...] a princesinha da narrativa de Ana Maria Machado rompe duplamente as fissuras do interdito: rompe como mulher e rompe como criança [...]. Também a autora rompe as fissuras de interditos e expressa sua voz em contraste com um discurso outro, o de contos de fadas clássicos a apresentarem um perfil do feminino subserviente, cordato, frágil e pleno de docilidade. Discursos que se entrecrocavam de um lado; discursos que se multiplicam e se desdobram de outro, asseverando, esses últimos, o poder da feminina fala [...].<sup>46</sup>

Quanto ao final da história, fica sob a responsabilidade dos (as) leitores (as) que, assim como a princesa, pode(m) escolher... Escolher sempre. Escolher “[...] um princípio”. Não um princípio<sup>47</sup>, mas “[...] um jeito novo de começar”<sup>48</sup>. Afinal, a própria escritora concebe o leitor não como decodificador, mas como o sujeito que, a ‘cada situação, escolhe uma solução. Para cada personagem, cria uma cara imaginária. Para cada cenário, visualiza um quadro’<sup>49</sup>. Ainda citando Martha, sob a perspectiva de Ana Maria Machado, ler ficção ‘não é uma atitude passiva, mas uma atividade que consiste em se dispor a aceitar algumas coisas, acreditar em outras e imaginar outras tantas’. Tal assertiva legitima sua escrita como a literatura conceituada por Candido. Como exemplo do que ocorre em outras narrativas, a escritora deixa no final da história um leque de possibilidades interpretativas. Assim diz: “Deixo isso [a descoberta da importância de determinado fato na narrativa] para você pensar e descobrir. Quem escreve, afinal de contas, não pode descobrir tudo, tem que deixar uma porção de coisas também para quem lê.”<sup>50</sup>

<sup>46</sup> CARRIJO, Silvana Augusta Barbosa. *O poder da palavra escolher: Autonomia do Feminino na obra A princesa que escolhia*. Anais do XIV Seminário Nacional mulher e Literatura/V seminário Internacional Mulher e Literatura. Disponível em: <[www.telunb.com.br/mulhereliteratura/anais/wp-content/uploads/2012/01/silvana-augusta.pdf](http://www.telunb.com.br/mulhereliteratura/anais/wp-content/uploads/2012/01/silvana-augusta.pdf)>. Acesso em: 21 maio 2013.

<sup>47</sup> Expressão usada pela princesa para referir-se a um de seus pretendentes. Ao recordar as leituras que fizera, lembrou-se do Barba Azul e pensou que ele não era “[...] um príncipe, era um abismo, um princípio”.

<sup>48</sup> MACHADO, 2006, p. 34.

<sup>49</sup> MARTHA, Alice Áurea Penteadó. A narrativa dos anos 90: retrato de jovens. In: ANTUNES, Benedito. PEREIRA Maria Teresa Gonçalves (Org.). *Trança de Histórias: a criação literária de Ana Maria Machado*. São Paulo: Ed. UNESP, Assis \_ SP: ANEP, 2004. p. 109.

<sup>50</sup> MACHADO. In: MARTHA, 2004, p. 109.

Um olhar contemplativo sobre a obra permite aos (às) leitores (as) viverem outras vidas à medida que se confrontam com imagem de pessoas e diversas situações por elas vividas enquanto personagens fictícias, que transitam pelos diversos espaços narrativos, tecidos pelos escritores. A obra de ficção é, portanto, no entender de Candido,

[...] um lugar ontológico privilegiado: lugar em que o homem pode viver e contemplar, através de personagens variadas, a plenitude da sua condição, e em que se torna transparente a si mesmo; lugar em que, transformando-se imaginariamente no outro, vivendo outros papéis e destacando-se de si mesmo, verifica e vive a sua condição fundamental de ser autoconsciente e livre, capaz de desdobrar-se, distanciar-se de si mesmo e de objetivar a sua própria situação.<sup>51</sup>

Recriando os contos de fada numa perspectiva contemporânea, Machado cunha em sua produção literária uma vertente narrativa que favorece a emancipação do leitor infantil e infanto-juvenil à medida que estes, por meio de suas leituras, encontram o lugar privilegiado da ficção de que nos fala Candido. Faz-se necessário destacar, no entanto, que a escritura de Ana Maria Machado não se restringe a estas fases da vida humana. Rompendo com as barreiras classificatórias dos gêneros literários, suas obras agradam também a jovens e adultos de todas as idades.

O diálogo explícito na narrativa vai além da retomada aos clássicos contos de fada, *a priori* mencionados. As percepções extraídas do texto em análise, *A princesa que escolhia*, aludem a outros textos da escritora, nos quais suas personagens se apropriam do direito de escolhas e expõem suas visões de mundo. A protagonista de *Bisa Bia Bisa Bel* (2001), por exemplo, desvela sua forma mais íntima de pensar no diálogo imaginário estabelecido com a figura personificada de sua bisavó. Contrapondo valores sociais de diferentes épocas, a história da menina Bel, bem como a da princesa, desvela as convenções estabelecidas ao sujeito feminino por meio da postura crítica de suas personagens. Usando como estratégia narrativa diversos recursos intertextuais, a escritora oferece aos seus (suas) leitores (as) os fios<sup>52</sup> necessários à tecelagem de outras teias. Assim, confirmando a assertiva de Kristeva, Cavalcante explica que,

A intertextualidade - a (re) contextualização de um cenário discursivo já conhecido em um cenário discursivo atual, novo - pode ser indiciada de diferentes formas: pela alusão, pela paráfrase, pela paródia, pela carnavalização, pelo pastiche. Dessa

<sup>51</sup> CANDIDO, Antônio et al. *A Personagem de Ficção*. Debates. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1968. p. 48.

<sup>52</sup> Considerando a epígrafe usada para abrir este texto, entende-se a expressão “os fios” como as histórias guardadas nas cabeças dos leitores.

forma, o acesso a textos em que o fenômeno se manifeste nos coloca diante de um campo de imensuráveis possibilidades.<sup>53</sup>

Confirma-se, pois, a alusão como recurso narrativo dialógico entre as obras referendadas. O desejo de poder escolher sempre, expresso em *A princesa que escolhia*, e a importância de aprender a partir das próprias experiências, desnudado em *Bisa Bia Bisa Bel* revela o cunho literário de Ana Maria Machado, criadora de textos ficcionais, compreendidos por Carvalho<sup>54</sup> como “[...] testemunho de uma época onde a mulher, a cidadã e a escritora se fundem para revelar os conflitos humanos do momento em que vivemos”. Como esclarece a escritora, *Bisa Bia, Bisa Bel* nasceu da saudade que sentia de suas avós e da vontade de falar sobre elas com seus filhos<sup>55</sup>. Não diferente, foi a inspiração para a criação da obra *A princesa que escolhia*. Esta assertiva se comprova nas palavras da escritora, citadas por Bia Reis (acesso em 3 de jul. 2013):

O livro é uma brincadeira tardia que nasceu de algo que eu sempre disse aos meus filhos: ‘Você não precisa fazer isso só porque todo mundo faz. É só dizer que não quer’. Não precisa namorar quem você não quer só porque os outros acham o máximo, concordar sempre com os adultos, mesmo que sejam os professores, falar bem ou mal do governo só porque todo mundo está falando.<sup>56</sup>

Ao contrário do que aparentemente acena a confissão da autora, quando afirma que o livro é uma brincadeira tardia, em sua teia ficcional está implícita a visão de mundo, a “[...] confiança no poder da palavra para tudo”<sup>57</sup> e a “ligação visceral”<sup>58</sup> da autora de *O Mar nunca Transborda*, com o oceano. Nascida em Santa Teresa, num morro do centro do Rio de

<sup>53</sup> CAVALCANTE, Sandra Maria Silva. *O Fenômeno da Intertextualidade em uma Perspectiva Cognitiva*. Universidade Federal de Minas Gerais. 2009 (Tese de Doutorado), p. 106. Disponível em: <[www.lettras.fmg.br/poslin/defesa/1114D.pdf](http://www.lettras.fmg.br/poslin/defesa/1114D.pdf)>. Acesso em: 1 jul. 2013.

<sup>54</sup> CARVALHO, Neuza Ceciliato de. A emancipação do sujeito infantil pela discursividade do delírio em *Bisa Bia, Bisa Bel*. In: ANTUNES, Benedito; PEREIRA Maria Teresa Gonçalves (Org.). *Trança de Histórias: a criação literária de Ana Maria Machado*. São Paulo: Ed. UNESP, Assis \_ SP: ANEP, 2004. p. 71-72.

<sup>55</sup> MACHADO, Ana Maria. *Bisa Bia, Bisa Bel*. Ilustrações de Regina Yolanda. Coordenação editorial Maristela Petrili de Almeida Leite, Pascoal Soto. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2001. Literatura em minha casa; v. 3. p. 63.

<sup>56</sup> REIS, Bia. Descobertas Reais. Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=A+princesa+que+escolhia>>. Acesso em: 3 jul. 2013.

<sup>57</sup> MACHADO, Ana Maria. Minha aposta é confiar no poder da palavra para tudo. *O Estado de São Paulo*, 5 maio. 2012. Entrevista concedida a Ubiratan Brasil pela autora de *A princesa que escolhia*. Disponível em: <<http://imprensaednacional.blogspot.com.br/2012/05/estado-publica-entrevista-com-autora.html>>. Acesso em: 05 jul. 2013.

<sup>58</sup> Em entrevista concedida ao jornal *O Estado de São Paulo*, publicada em 5 de maio de 2012, a escritora fala acerca da intensa ligação com o mar e sobre a inevitável influência deste em suas obras (acesso em: 5 jul. 2013).

Janeiro, assim como a princesa, que do alto da torre, ”[...] via até o mar, ao longe, com navios velejando”, a escritora, do seu apartamento, tinha visões diferentes da Baía de Guanabara. Desnuda-se, portanto, nestas e em outras obras de sua autoria, a ‘[...] cidadã e escritora [...] sempre muito coerente e única em tudo o que faz’<sup>59</sup> revelando, por meio de sua escritura, sua vivência: seus gostos, suas crenças e ideologias acerca da sociedade em que se insere, convidando os (as) leitores (as) ao questionamento permanente de seus valores e das relações estabelecidas com o outro.

ABSTRACT: This paper intends to list aspects of contemporary children's literature to bring forth the strategy used by the writer Ana Maria Machado to make allusion to gender issues, especially showing the image of the female subject and its evolution in time. Through intertextual dialogue she rescues the classic fairy tales by giving them a new look. Deconstructing rules imposed on women by androcentric society she gives voice to female character that imposes herself while subject and makes your own choices. *The princess who chose*, therefore, favors many questions about what is conventionally as absolute truths around issues of gender (male / female). In this sense, to gaze upon the fictional universe of the writer, it is intended to foster discussions about social constructs taken as absolute truths.

KEYWORDS: Children's Literature. Female. Intertextuality. Contemporaneity.

## REFERÊNCIAS

ANDROCENTRISMO. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Androcentrismo>>. Acesso em: 16 julho 2013.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Tradução, Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

\_\_\_\_\_. *Identidade*. Tradução, Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

MACHADO, Ana Maria. Minha aposta é confiar no poder da palavra para tudo. *O Estado de São Paulo*, 5 maio. 2012. Entrevista concedida a Ubiratan Brasil pela autora de *A princesa que escolhia*. Disponível em: <<http://imprensaednacional.blogspot.com.br/2012/05/estado-publica-entrevista-com-autora.html>>. Acesso em: 05 jul. 2013.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Kühner. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. 160p. Disponível em: <[www.sertão.ufg.br/.../original\\_Bourdieu\\_Pierre....](http://www.sertão.ufg.br/.../original_Bourdieu_Pierre....)>. Acesso em: 16 jun 2013.

CANDIDO, Antônio et al. *A personagem de ficção*. Debates. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1968.

<sup>59</sup> CARVALHO. Neuza Ceciliato de. A emancipação do sujeito infantil pela discursividade do delírio em *Bisa Bia, Bisa Bel*. In: ANTUNES, Benedito; PEREIRA Maria Teresa Gonçalves (Org.). *Trança de Histórias: a criação literária de Ana Maria Machado*. São Paulo: Ed. UNESP, Assis \_ SP: ANEP, 2004. p. 67.

\_\_\_\_\_. O direito à literatura. 1988. In: \_\_\_\_\_. *Vários escritos* – edição revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995. UNIP - Letras. Teoria da Lírica. Disponível em: <[www.slideshare.net/letrasunip/direito-a-literatura-candido](http://www.slideshare.net/letrasunip/direito-a-literatura-candido)> Acesso em: 13 jul 2013.

\_\_\_\_\_. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. 3. ed. Revista. São Paulo, Editora Nacional, 1973.

CARRIJO, Silvana Augusta Barbosa. *O poder da palavra escolher: Autonomia do Feminino na obra A princesa que escolhia*. Anais do XIV Seminário Nacional mulher e Literatura/V seminário Internacional Mulher e Literatura. Disponível em: <[www.telunb.com.br/mulhereliteratura/anais/wp-content/uploads/2012/01/silvana-augusta.pdf](http://www.telunb.com.br/mulhereliteratura/anais/wp-content/uploads/2012/01/silvana-augusta.pdf)>. Acesso em: 21 maio 2013.

CARVALHO. Neuza Ceciliato de. A emancipação do sujeito infantil pela discursividade do delírio em *Bisa Bia, Bisa Bel*. In: ANTUNES, Benedito; PEREIRA Maria Teresa Gonçalves (Org.). *Trança de Histórias: a criação literária de Ana Maria Machado*. São Paulo: Ed. UNESP, Assis \_ SP: ANEP, 2004.

CAVALCANTE, Sandra Maria Silva. *O Fenômeno da Intertextualidade em uma Perspectiva Cognitiva*. Universidade Federal de Minas Gerais. 2009 (Tese de Doutorado). Disponível em: <[www.letras.fmg.br/poslin/defesa/1114D.pdf](http://www.letras.fmg.br/poslin/defesa/1114D.pdf)>. Acesso em: 1 jul. 2013.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. Aula Inaugural no Collège de France, Pronunciada em 2 de Dezembro de 1970. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 4. ed. edições Loyola, São Paulo, Brasil, 1998.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*/ Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro – 7. ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

KRISTEVA, Júlia. *Introdução à semanálise*. Trad. Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1974.

MACHADO, Ana Maria. *Bisa Bia, Bisa Bel: novela* / Ana Maria Machado; ilustrações de Regina Yolanda; [coordenação editorial Maristela Petrili de Almeida Leite, Pascoal Soto]. – 3. Ed. – São Paulo: Moderna, 2001. – (Literatura em minha casa; v. 3).

\_\_\_\_\_. *A princesa que escolhia*. Ilustrações de Graça Lima. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2006.

\_\_\_\_\_. *O mar nunca transborda: romance*/Ana Maria Machado. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1995.

\_\_\_\_\_. *O príncipe que bocejava*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

\_\_\_\_\_. *De olho nas penas*. Ilustração de Gerson Conforto. 5. ed. \_ Rio de Janeiro: Salamandra, 1984.

MARTHA, Alice Áurea Penteadó. A narrativa dos anos 90: retrato de jovens. In: ANTUNES, Benedito. PEREIRA Maria Teresa Gonçalves (Org.). *Trança de Histórias: a criação literária de Ana Maria Machado*. São Paulo: Ed. UNESP, Assis \_ SP: ANEP, 2004.

OLIVEIRA, Cristiane Madanêlo de. *Brincando de desconsertar o masculino: um olhar sobre a produção para crianças de Ana Maria Machado*. Rio de Janeiro, 2006. 125 fls. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) — Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em:  
<<http://www.lettras.ufrj.br/posverna/mestrado/OliveiraCM.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2013.

PEREIRA, Maria Teresa Gonçalves. (Re) criando e (com)partilhando a palavra: considerações sobre a linguagem de Ana Maria Machado. In: ANTUNES, Benedito; PEREIRA, Maria Teresa Gonçalves (Org.). *Trança de Histórias: a criação literária de Ana Maria Machado*. São Paulo: Ed. UNESP, Assis \_ SP: ANEP, 2004.

REIS, Bia. *Descobertas Reais*. Disponível em:<  
<https://www.google.com.br/search?q=A+princesa+que+escolhia>>. Acesso em: 3 jul. 2013.

SILVA, Silvana Augusta Barbosa Carrijo. *Rompendo as fissuras do interdito*. OPSIS – Revista do NIESC, Vol. 6, 2006. Disponível em:  
<[revistas.ufg.br/index.php/opsis/article/viewFile/9311/6403](http://revistas.ufg.br/index.php/opsis/article/viewFile/9311/6403)>. Acesso em 1 jun. 2013.

VIEIRA, Ilma Socorro Gonçalves. O diálogo entre literatura e história na obra de Ana Maria Machado. In: PEREIRA, Maria Teresa Gonçalves; ANTUNES, Benedito (Org.). *Trança de Histórias: a criação literária de Ana Maria Machado*. São Paulo: Ed. UNESP, Assis \_ SP: ANEP, 2004.

WAGNER, Tânia Maria Cemin. Adolescência: aspectos psicodinâmicos. In: SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos; ZINANI, Cecil Jeanine Albert. (Org.). *Multiplicidades dos Signos: diálogos com a literatura infantil e juvenil*. 2. ed. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2010.

XAVIER, Elódia. *A representação da família no banco dos réus*. Revista Interdisciplinar, V. 1, n 1 - Edição Especial. 2006. Disponível em:<[200.17.141.110/periódicos/interdisciplinar/revistas/ARQ-INTER\\_1/INTER1\\_Pg\\_07\\_20](http://200.17.141.110/periódicos/interdisciplinar/revistas/ARQ-INTER_1/INTER1_Pg_07_20)>. Acesso em 1 jul. 2013.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. Literatura infantil e gênero: História meio ao contrário. In: SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos; ZINANI, Cecil Jeanine Albert. (Org.). *Multiplicidades dos Signos: diálogos com a literatura infantil e juvenil*. 2. ed. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2010.